

## Linhas vermelhas

*Boris Johnson, que já mentia com requintes literários quando era jornalista, passou a mentir com requintes políticos ainda não tinha chegado a primeiro-ministro*

**Bernardo Pires de Lima | Visão | 12.02.2022**

Nesta era da pós-verdade qualquer mentiroso compulsivo tem vantagem sobre a concorrência. Boris Johnson, que já mentia com requintes literários quando era jornalista, passou a mentir com requintes políticos ainda não tinha chegado a primeiro-ministro. Mas se Bojo foi o homem providencial que desatou o nó do Brexit, precipitando o rasgão final para gáudio de uma claque extenuada que lhe deu maioria nos Comuns, está mais do que visto que permanece sem pudor como a bizarria política que o Reino Unido dispensaria para pôr a casa em ordem depois da saída da União Europeia.

Acontece que nem à enésima mentira, mergulhado num novelo de casos sem defesa, a saída de cena lhe moraliza o espírito ou destapa a honra dos seus correligionários. Não quer dizer que não venha a acontecer, noutra substituição sem recurso a eleições, mas o que seria expectável é que já tivesse ocorrido, logo que se conheceram as festas de Downing Street, quando aos britânicos era pedido que cumprissem as regras para controlo da pandemia. Também não seria preciso testemunhar o baixo nível já usado pelo primeiro-ministro ao envolver o líder trabalhista num caso passado de abuso de menores, quando este exercia funções judiciais, manipulação que levou à demissão de alguns conselheiros de Johnson, perplexos com a patifaria. Perante isto, só há duas conclusões a tirar. A primeira, é que os deputados conservadores preferem manter a confiança em alguém que apenas degrada as instituições, pensando que será ainda o cavalo certo para atacar as eleições locais em maio. Três meses em gestão diária de danos irreversíveis é uma eternidade e uma imbecilidade. Salvo alguma devida distância, é o mesmo raciocínio dos republicanos nos EUA: Trump pode ter empurrado a democracia americana para o charco, ser aliás um “filho da mãe”, mas é o “nosso filho da mãe”, aquele que nos guiará de novo às vitórias.

Tudo isto escaparia ao nosso radar se estivéssemos a falar de partidos na franja do sistema ou ensaios eleitoralistas de um homem só. Mas não. São partidos estruturais às grandes democracias anglo-saxónicas, pilares dos seus modelos constitucionais, posicionamentos externos e exemplos para terceiros. Têm estado, aliás, na base da ordem liberal democrática, imperfeita, mas mais livre do que qualquer outra. As conscientes perversidades em curso terão o efeito inverso: desestruturam as suas democracias, descapitalizam os seus modelos constitucionais, aumentam a imprevisibilidade na política externa e servem de farol a partidos estruturais das democracias europeias. O filme já corre: uns por falta de imaginação, outros por demissão programática, vão assumindo inspiração, permitindo a canibalização. Sem linhas vermelhas e um valente murro na mesa, serão comidos pelas hienas sem dó nem piedade.

Deixem-me voltar a Boris Johnson, para reconhecer a habilidade do político para navegar na tempestade perfeita. Se nenhum outro providenciou com tanta limpidez o Brexit, mais ninguém apanhou com um efeito-biombo tão duradouro à gestão de danos provocado pelo corte com a União. Esse efeito chama-se pandemia e dificulta a sinalização do que é ou não é culpa do acordo de retirada. O poder de compra médio britânico regressou a níveis de 2007; a inflação está em valores semelhantes aos de há 30 anos; há disrupções no abastecimento de bens; estão expostas as “comunidades esquecidas” britânicas, quando a diferença de PIB per capita entre mais ricos

e mais pobres é a maior da OCDE; e a emigração qualificada atinge números alarmantes, prejudicando a atividade económica. De tudo isto, o que é responsabilidade do Brexit e o que é da Covid? As costas largas da pandemia controlaram outros danos, como a sangria dos serviços financeiros para Dublin, Paris ou Amesterdão. Ela aconteceu, mas restrições à mobilidade diminuiriam os impactos mais tremendistas. Mesmo o embate comercial negativo foi acomodado pela conjuntura global, o que não exclui desajustamentos quando novas burocracias sanitárias às importações entrarem em vigor no próximo mês de julho.

Quando a pandemia passar e ficarem mais claros os efeitos do Brexit, talvez Boris Johnson já não esteja no cargo. Certo é que nada será como dantes. Resta saber se as alternativas se prepararam para tamanhos impactos.

### **Norte**

O fim das restrições sanitárias na Dinamarca, seguido por outros, é uma ótima notícia. Vacinados e cumprindo cuidados básicos, que o mesmo rumo seja adotado em Portugal.

### **Sul**

Quatro golpes de Estado e dois ameaços num só ano em África, com foco na costa ocidental, levaram a União Africana a suspender quatro países, inédito na sua história.

### **Este**

A alta nos preços de petróleo e gás, e a cada vez mais remota adesão da Ucrânia à NATO, permitem à Rússia manter a tensão no atual nível, sem precisar de invadir.

### **Oeste**

O líder conservador canadiano foi destituído por acusações de centrismo, antecipando rotação à direita populista. Os republicanos nos EUA terão, assim, companhia a norte.

<https://visao.sapo.pt/opiniao/pontos-cardeais/2022-02-12-linhas-vermelhas/>